

O CAMINHO TRILHADO: UMA FORMADORA EM FORMAÇÃO

The path taken: a trainer in training

Teresa Cristina Etcheverria
Universidade Federal de Sergipe
tetcheverria@gmail.com

Resumo

Este texto tem como propósito compartilhar com ensinantes, em especial os formadores, aspectos que considero relevante em minha experiência de docência. Para tanto, estruturei o texto em tópicos que trazem algumas informações do meu contexto familiar, do movimento para me tornar professora, das experiências de docência e formação, e da apropriação do processo reflexivo. Concluo fazendo um agradecimento a todos que foram meus parceiros nessa jornada.

Palavras-chave: Formação; Docência; Reflexão.

Abstract

The purpose of this text is to share with teachers, especially trainers, aspects that I consider relevant in my teaching experience. To this end, I have structured this paper into topics that provide some information about my family background, my journey of becoming a teacher, my experiences in teaching and training, and my appropriation of the reflective process. I conclude by thanking everyone who has been my partner on this journey.

Keywords: Training; Teaching; Reflection.

DO QUE TRATA O TEXTO

Este texto contempla aspectos de minha caminhada de aprendizado no período de docência. Não quero aqui defender nenhuma teoria nem criar uma teoria nova, muito menos apresentar uma descoberta inédita. Somente tenho como objetivo compartilhar impressões que fazem parte dessa caminhada de formação, pois pude perceber que minha formação como formadora não esteve desvinculada de minha formação pessoal. Ao me tornar uma educadora melhor, também me tornei uma pessoa melhor e vice-versa. Só que isso é individual, ou seja, não acontece com todos os professores/as. O professor pode avançar em sua formação profissional, mas não em sua constituição pessoal. Contudo, destaco que é especial quando isso acontece.

Para iniciar as seções, escolhi trazer trechos de textos reflexivos de meus alunos quando falam sobre suas crenças relacionadas ao ato de ensinar ou ao ensino realizado. Alguns possuíam crenças que limitavam a ação docente planejada, pois estavam presos a

processos de ensino teoricamente superados. Contudo, outros se encorajavam a tentar um caminho diferente no ensinar e no aprender, muitas vezes desconhecido; assim, caminhavam conscientes de que tanto os acertos quanto os erros cometidos contribuíam para sua formação. O depoimento desses graduandos mostra que eles entendem a sala de aula como um espaço de estudo, de satisfação pessoal e de transformação, e como oportunidade da valorização do aluno como sujeito criativo, pensante e autônomo.

Da mesma forma que boa parte de meus alunos, eu trilhei um caminho que começou alimentado pelo sonho de me tornar uma professora capaz de ensinar conteúdos matemáticos de maneira lúdica, prazerosa. Mas, durante a caminhada docente, tive o privilégio de me descobrir, me encontrar...

NO CAMINHAR, REALIDADE E SONHO...

Ser o professor que “*inspira em seus alunos a alegria da matemática e veja no estudo uma oportunidade para mudança de sua vida*” (Licenciando A)¹.

O movimento de me tornar a professora que sonhei ser começou ainda quando era criança, em minha casa. Sou a 15ª filha em uma família de 18 irmãos, sendo 5 mulheres. Sou a mais nova das mulheres e minhas 4 irmãs fizeram graduação em cursos de Pedagogia ou Licenciatura. Como minha diferença de idade para a mais velha é de 18 anos, me criei vendo minhas irmãs elaborarem materiais para darem aula e atendendo alunos em aulas de reforço, em nossa casa.

É possível que essas experiências tenham me levado a optar por estudar no Curso Normal, em nível médio. A troca de ideias com minhas irmãs e as aulas de algumas professoras do curso me ajudaram a firmar crenças construtivistas sobre o ensino e a aprendizagem. Já naquela época, alguns professores despertavam minha admiração pela forma criativa como planejavam as atividades e pela maneira democrática e dialética com a qual conduziam suas aulas. Essas vivências no aprendizado me permitiram compreender por que esse modelo de ensino era preferível às formas autoritárias de ensinar, que resultavam em um ato passivo de aprender. A construção dessas crenças foi o ponto de partida, mas era preciso praticar.

Quando volto meu olhar para o passado e me vejo entrando em uma escola pela

¹ Estas frases em destaque foram escritas por meus alunos, licenciandos do Curso de Matemática da Universidade Federal de Sergipe, *Campus Itabaiana*.

primeira vez para ensinar a uma turma de estudantes da terceira série (hoje quarto ano) na faixa etária de 9 a 10 anos, vejo uma menina, pois eu tinha 18 anos. Eu era determinada e, ao mesmo tempo, cheia de inseguranças; feliz, porque estava ali para fazer o que tinha escolhido fazer; e esperançosa, pois sabia que estava só começando... Isso foi há 47 anos. Nesse período de mais de quatro décadas, tive o privilégio de ensinar para alunos de turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental, somente não tive a oportunidade de aprender a alfabetizar. Ainda, ensinei Matemática em todos os anos do Ensino Fundamental e Médio; e lecionei para graduandos dos Cursos de Ciências Contábeis, Administração, Secretário Executivo, Agronomia, Ciências Naturais e Licenciatura em Matemática. Ademais, ensinei metodologias de ensino de Matemática para estudantes do Curso Normal, da Pedagogia e da Licenciatura em Matemática. Foi um longo e florido caminho...

Nessa caminhada, além de destacar o quanto aprendi sobre os conteúdos de Matemática e sobre as metodologias de ensino de Matemática, também ressalto o relacionamento com meus alunos: um público diverso em vários aspectos; pessoas de todas as idades, tive alunos na faixa etária dos 8 aos 50 anos. No convívio com eles, me tornei mais humana; eles me oportunizaram o aprendizado da tolerância, da flexibilidade, da aceitação do outro e do respeito à diversidade, entre outros aspectos.

Contudo, não poderia deixar de destacar a convivência com meus pares, os colegas professores/as. Esse convívio trouxe-me grandes aprendizados, principalmente, por ter a oportunidade de articular parcerias com colegas professores/as de todas as áreas de ensino, em especial, enquanto estive como ensinante nas turmas do Curso Normal e do Curso de Pedagogia. Perceber o olhar diferenciado dos professores/as de cada área de ensino me permitiu ampliar o olhar diante de minhas crenças de como se aprende e como se ensina, sair da “caixinha fechada”, reforçada pela estrutura exata da Matemática, para explorar caminhos interpretativos e intuitivos guiados pelo desejo de me tornar uma educadora humanizada. A oportunidade de ensinar em universidades de regiões brasileiras diferentes fortaleceu o viés humanizador que eu buscava inserir em minha proposta de ensino, pois me possibilitou o convívio com culturas diferentes bem como a experiência de viver novos desafios.

Em paralelo a essa caminhada, fui avançando em minha trajetória de formação acadêmica. Como sempre evidenciei facilidade no aprendizado da Matemática, ao concluir o Curso Normal, optei por fazer a graduação em Ciências Naturais, pois ainda não havia a Licenciatura em Matemática na cidade na qual eu morava. Assim, depois de concluir esse

curso, me formei em Licenciatura em Matemática e fiz uma Especialização em Modelagem Matemática. Somente muitos anos depois cursei o Mestrado e o Doutorado em Educação Matemática.

A EXPERIÊNCIA NA FORMAÇÃO...

Nesta caminhada, “também entendi que o meu ritmo ‘acelerado’ às vezes não condiz com o dos outros, e isso me fez refletir bastante, pois muitas das vezes não tinha paciência nem comigo mesma” (Licenciando M).

Utilizar metodologias diferenciadas que permitam a construção de um saber vai além da aquisição de conhecimentos sobre essas metodologias, tem a ver com as crenças e as escolhas que cada professor faz. A escolha metodológica também condiz com o ser de cada um. Me lembro de um licenciando que já ensinava há sete anos e, em sua experiência de estágio, me pediu orientação para utilizar um recurso material em uma das aulas. Eu assisti à aula na qual ele empregou o recurso material e, para minha surpresa, ele mostrou total despreparo com aquele tipo de metodologia. Observei que a experiência de docência dele não contribuiu no momento em que fez uso de uma metodologia que, para ele, era nova; ao contrário, por ter saído de sua zona de conforto, mostrou-se mais inseguro que outros estagiários que enfrentavam a ação docente pela primeira vez.

Observava que, por mais que fossem realizadas práticas inovadoras, que fazem uso de recursos materiais e metodologias diferenciadas, um grupo de licenciandos mantinha-se elaborando propostas de ensino pautadas no modelo “definição, exemplos, exercícios”. Esses licenciandos mantinham crenças que limitavam a ação docente planejada, pois estavam presas a processos de ensino teoricamente superados. Por outro lado, seus posicionamentos verbais mostravam ideias coerentes com as propostas inovadoras.

Enquanto formadora, entendia que cabia a mim ajudar esses licenciandos a também fazerem essas observações para identificarem a dualidade entre seus posicionamentos e suas práticas. Essa caminhada sempre me levava a instigá-los a definir qual professor queriam se tornar e com quais propostas de ensino se identificavam. O grande desafio era: como tornar esse processo mais eficaz?

Na busca de avançar nessa caminhada, escolhi trabalhar com projetos de aprendizagem. Cada licenciando elaboraria um projeto para aquela disciplina, naquele período letivo. A construção e execução do projeto se dava a partir do início do período letivo, após eu apresentar a ementa e o programa da disciplina, e acontecia sob minha

orientação. Esse trabalho teve inspiração nas ideias do Professor José Pacheco, fundador da Escola da Ponte, em Portugal.

A referida proposta foi desenvolvida com várias turmas e os dados coletados na classe que participou da disciplina de Metodologia de Ensino da Matemática estão publicados no texto intitulado “Processo formativo do futuro professor de matemática: qual caminho seguir?” (Etcheverria; Garcia Silva, 2023). O foco estava em oportunizar ao licenciando, futuro professor de Matemática, a experiência de aprender a fazer escolhas, de tornar-se seguro e autônomo para lidar com as incertezas presentes na ação docente.

Esses momentos foram de grande aprendizado para todos nós. No começo, mais dúvidas do que certezas; a todo momento, eu tinha que retomar meu propósito; pautei o desenvolvimento da proposta em etapas de atendimento individual intercaladas com espaços coletivos de compartilhamento de aprendizados. Tudo começou com o momento intitulado “Quem sou: um pouco da minha história”, no qual cada licenciando elaborou uma apresentação em que falava sobre sua família, sua caminhada escolar e seus sonhos. Precisávamos nos olhar, nos conhecer, pois só depois disso poderíamos traçar os planos e definir as escolhas...

Foi uma experiência enriquecedora que me possibilitou mudar várias escolhas. Dentre elas, destaco a seleção dos textos para leitura durante o semestre letivo. Antes dessa proposta, essa opção era feita por mim, com base nos temas em estudo e em minhas leituras. Muitas vezes, tínhamos que fazer uma leitura coletiva do texto, pois somente dois ou três tinham feito a leitura em casa. O desenvolvimento do projeto de aprendizagem ampliou o acervo dos licenciandos, porque eles é que escolhiam os textos para fazerem a leitura e apresentarem as ideias principais nos espaços coletivos de discussão, na sala de aula. Os textos escolhidos eram disponibilizados no grupo do *WhatsApp*, no momento da escolha. Então, como eles relatavam, até chegarem ao texto que escolheram para apresentar, já tinham lido outros quatro ou cinco, o que servia para acrescentar conhecimento em sua formação.

A DOCÊNCIA E A FORMAÇÃO...

Experiências como a docência em sala de aula e a participação em eventos trouxeram confiança ao falar em público, diminuindo o medo, como também nos preparando para responder questionamentos não planejados e lidar com as reações dos alunos e do público em geral (Licenciando AO).

Fiorentini, Nacarato e Pinto (1999) afirmam que não é o tempo de exercício do magistério que forma o professor, mas sim a maneira como ele vivencia a experiência docente no cotidiano da escola. Dizem eles:

Nem toda experiência engendra, automaticamente, saberes. Nem todos os participantes de uma experiência engendram as mesmas aprendizagens. Para alguns, esta pode representar uma experiência como outra qualquer. Para outros, entretanto, esta pode significar uma mudança radical em suas vidas (Fiorentini; Nacarato; Pinto, 1999, p. 33).

Isso se deve ao envolvimento de cada professor ou futuro professor em seu processo de ensinar. A realização de reuniões de estudo e compartilhamento de experiências sobre a ação docente realizada, além de valorizar os saberes produzidos, pode gerar indagações e ajudar no enfrentamento de desafios oriundos da experiência. Shulman (2014) descreve modelos teóricos que relatam como as reflexões críticas sobre as próprias práticas podem contribuir no aprendizado dos professores. O foco desse processo não esteve nas características próprias dos conteúdos ensinados, mas sim na forma como os professores transformam a vivência em conceitos mais generalizáveis, via reflexão individual e coletiva.

Quando isso acontece, a prática da reflexão torna-se um hábito salutar e, pouco a pouco, ele vai expandindo em nosso ser e deixa de ser realizado somente nas atividades de docência, permitindo que, enquanto sujeitos, reflitamos sobre nossas escolhas de vida. É difícil dizer o que surgiu primeiro, mas, em meu caso, acredito que refletir sobre os processos de ensino me induziu a refletir sobre minhas escolhas diárias.

As reflexões nos preparam para ensinar, nos oportunizam “pensar no ensino como um processo diferente de ‘dar aula’ e na aprendizagem como um processo diferente de repetir ou reafirmar o dito pelo professor” (Shulman; Shulman, 2016, p. 125). Ter essas ideias em mente me instigou a ter coragem para planejar propostas de ensino nas quais os licenciandos se tornassem protagonistas em seu caminho de aprendizado e eu a orientadora, a pessoa que questionava, instigava a dúvida, complementava, apontava caminhos.

A REFLEXÃO COMO CAMINHO...

Quero ser um professor que “*permita os alunos a serem quem eles são, e não transformá-los em robôs*” (Licenciando D).

Início, novamente, me reportando a Shulman e Shulman (2016) ao afirmarem que “teoria começa com reflexão”. Como destaquei antes, não tenho a pretensão de que meus aprendizados se tornem uma teoria; porém, considero que, assim como as teorias, os

aprendizados começam pela reflexão. É possível que, mais tarde, alguns aprendizados se tornem uma teoria; contudo, não é via de regra.

Ao olhar para trás e ver como eu aprendi, como me tornei uma professora formadora, percebi a presença de várias teorias embasando minhas escolhas e, apesar de eu ter me apropriado delas, não fui eu quem as criou. De algumas, me apropriei com tanta intensidade que, por vezes, me considerei uma coautora. Isso porque as escolhas feitas por mim tiveram relação com quem sou, com o que acredito e com o que quero me tornar.

É possível que as teorias que estudam processos de formação e abordem sobre como os professores aprendem a ensinar estejam somente olhando o viés profissional do sujeito docente. Porém, quando falamos em reflexão, transformação e mudança, entendo que temos de mirar além do viés profissional, é também o sujeito em seus aspectos psicológicos, cognitivos e afetivos que se transmuta.

Mudar a forma de olhar para a ação docente, transformar a prática de ensinar adequando-a ao contexto dos estudantes de sua sala de aula requer mudanças em suas concepções e só mudamos nossas concepções — seja sobre ensinar, seja sobre outro aspecto de nossa vida — quando nos convencemos de que o que estamos fazendo não está bom o suficiente. A questão é: como ajudar cada professor ou futuro professor a perceber que a ação docente que ele desenvolve não está boa o suficiente para seu aluno? Como ajudá-lo a se tornar capaz de elaborar e desenvolver uma prática docente eficaz? Como ajudá-lo a pensar sobre o professor que quer ser?

Acredito que oportunizar aos professores transformarem suas experiências de ensino em experiências de vida, via reflexão individual e coletiva, pode contribuir não somente em sua formação como formador, mas especialmente em seu aprendizado de vida. Isso pode resultar em uma prática de docência mais eficaz e efetiva, porque conseguirá enxergar, para além do conteúdo, a pessoa do aluno.

O CAMINHO CONTINUA...

Torno-me professor, “por meio de diversos acertos e erros, durante essa jornada, adquirindo peças essenciais para minha formação docente” (Graduanda AO).

O caminho para ajudar nossos licenciandos a se tornarem o professor que desejam ser requer continuidade nas ações docentes para que o professor formador (ensinante-aprendiz) observe o movimento de aprendizagem do aprendente, respeite seus erros e

valorize seus acertos. Para isso, se faz necessário conhecer o aprendente, não somente quanto ao conhecimento de conteúdos, sejam conteúdos matemáticos ou conteúdos didáticos, mas sim quanto a seus sonhos, a quem ele é. O formador deve ser alguém que se dá valor e valoriza o outro, se respeita e sabe respeitar, enfim, é importante que ele perceba que, além de eleger qual professor quer se tornar, sua escolha leve em conta os aspectos citados acima, pois somos pessoas em constante aprendizado e transformação.

Esse movimento não é algo estático, que está parado esperando, como comprar um carro ou uma casa, é algo que precisa ser construído diariamente; por isso, é sempre edificado. E, por estar sempre em construção, a cada passo que se avança, se vislumbra um horizonte diferente, pois se tem contato com novos conhecimentos. Isso faz com que não haja uma data de conclusão, apenas um momento de parada, mas com a certeza de que ainda não se aprendeu tudo.

E, assim, ciente de que ainda não aprendi tudo, concluo este texto que escrevo para manifestar minha gratidão a todos/as que participaram de alguma forma desta caminhada comigo, docentes, trabalhadores/as e alunos/as das escolas públicas do município de Uruguaiana, Rio Grande do Sul (RS), a saber: Escola Estadual de Ensino Fundamental Antônio Mary Ulrich, Escola Estadual Senador Salgado Filho, Instituto Estadual Romaguera Corrêa e Instituto Estadual de Educação Elisa Ferrari Valls. E, também, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) e da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Que a luz da sabedoria e do amor esteja presente na caminhada de formação de cada um/a.

REFERÊNCIAS

ETCHEVERRIA, T. C.; GARCIA SILVA, A. F. Processo formativo do futuro professor de matemática: qual caminho seguir? **JIEEM**: Jornal Internacional de Estudo em Educação Matemática, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 187-195, 2023. Disponível em: <https://jieem.pgsscogna.com.br/jieem/article/view/10771/6883> Acesso em: 2 dez. 2025.

FIORENTINI, D.; NACARATO, A. M.; PINTO, R. A. Saberes da experiência docente em Matemática e educação continuada. **Quadrante**, Lisboa, v. 8, p. 33-59, 1999. Disponível em: <https://quadrante.apm.pt/article/view/22720> Acesso em: 10 mar. 2014.

SHULMAN, L. S. Conhecimento e ensino: fundamentos para a nova reforma. Tradução Leda Beck. **Cadernos CENPEC**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 196-229, dez. 2014. Disponível em: <http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/293/297>. Acesso em: 16 ago. 2019.

SHULMAN, L. S.; SHULMAN, J. H. Como e o que os professores aprendem: uma perspectiva em transformação. Tradução Leda Beck. **Cadernos CENPEC**, São Paulo, v. 6, n. 1, p.120-142, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/353>. Acesso em: 16 ago. 2019.